AMIR NASR RACING

Das pistas do DF para o mundo

No último semestre do ano passado, o Comitê Olímpico Internacional (COI) mostrou interesse em inserir um esporte a motor no programa dos Jogos Olímpicos de 2028, que será sediado em Los Angeles, nos Estados Unidos. Ainda que não haja uma garantia de que o automobilismo esteja, de fato, presente na competição, a possibilidade da sua inclusão no evento multiesportivo é motivo de celebração para quem é apaixonado pela velocidade sob quatro rodas.

Sabe-se que, no automobilismo, Ayrton Senna se consolidou como um dos maiores ídolos do esporte, especialmente pelo seu carisma e desempenho na Fórmula 1, onde foi campeão da categoria três vezes, em 1988, 1990 e 1991. A competição é uma das mais tradicionais no mundo e, neste ano, iniciará em 5 de março, com o GP do Bahrein. É previsto que a temporada tenha oito meses e meio de duração.

O protagonismo de pilotos brasileiros é muito forte no exterior, entretanto, Brasília também carrega a paixão pelo barulho do motor acelerado. Nesse segmento, um grande destaque da cidade diz respeito ao trabalho desenvolvido por Amir Nasr, responsável por formar pilotos na capital. Atualmente, o empreendedor representa alguns esportistas fora do Brasil, entre eles, o seu sobrinho Felipe Nasr, que já passou pela Fórmula 1 e, hoje, dedica-se ao Campeonato Mundial de Endurance (WEC), destinado aos protótipos esportivos e carros de turismo.

No entanto, muito antes de lançar Felipe às grandes corridas mundiais, Amir já atuava na área. O início da sua carreira se deu na década de 1980 e, desde então, não deixou mais as pistas. No Distrito Federal, junto com o seu irmão, Samir Nasr, foi pioneiro na implementação de equipe e formação de pilotos. "Nós formamos de engenheiro a piloto. Gente para trabalhar no automobilismo de verdade. Transformamos o DF em escola de automobilismo e a maioria dos pilotos que tiveram sucesso fora do país, passaram por nós", comenta.

Divulgação

> **Transformamos o DF em escola de automobilismo, e a maioria dos pilotos que tiveram sucesso fora do país passaram por nós"**

Antônio Pizzonia, Bruno Junqueira e Vitor Meira são alguns dos nomes que fizeram parte da equipe de Nasr e se destacaram mundialmente. "Nosso trabalho é esse. Chega nesta época de janeiro e fevereiro, onde na Europa tem muita neve e frio, e os pilotos vêm lá de fora para fazer esse trabalho conosco", destaca. Para isso, Amir conta com uma equipe multidisciplinar para auxiliar na preparação dos esportistas.

Segundo Nasr, o automobilismo atua em conjunto com diferentes tipos de profissionais: engenheiro mecânico, advogado, motorista de caminhão, psicólogo, nutricionista e marketing, por exemplo. Ele ainda indica que, para conseguir a expertise de cada um, é necessário um longo tempo de aprofundamento na área. "Até hoje, a maioria dos profissionais que eu trabalho são de Brasília. E eu trouxe todos eles para o automobilismo. Poucas pessoas no mundo são capazes de fazer o que eles fazem. Eu me orgulho muito disso e vejo que aqui tem muito talento", comenta.

Dessa forma, especialistas como o fisioterapeuta Fernando Calixto e Leandro Vaz, médico nutrólogo, fazem parte do time responsável por cuidar dos pilotos. Há também um cuidado com o psicológico de cada atleta. "São 20 vagas para a Fórmula 1 no mundo. É mais fácil eu colocar alguém na seleção brasileira de futebol. Por isso, é muito complicado. Imagina a pressão na cabeça desses meninos", contextualizou o seu irmão, Samir Nasr.

Patrocínios

Para chegar na Fórmula 1, é necessário realizar um grande investimento financeiro no esporte. Em todas as categorias de formação, as equipes precisam que os pilotos levem verba para chegar às competições. A grande maioria entra com o próprio dinheiro para conseguir avançar na carreira automobilística. Contudo, Amir Nasr consegue driblar essa realidade com o trabalho que é realizado de forma minuciosa.

"No mundo inteiro, o que acontece até a Fórmula 2: o menino chega com o dinheiro da família ou patrocínio, paga e corre. Nós nunca trabalhamos assim. Eu tinha de 50% a 100% do patrocinador, não importa a categoria que a gente fizesse. Piloto nenhum pagou 100% para correr. Mas o que eu conseguia com isso? Os melhores pilotos", indica.

Com a expertise de mercado, Amir trouxe à Fórmula 1, neste ano, marcas patrocinadoras de peso, como a XP Investimentos e a Porto Seguro. "Ter que vender não é algo que me assusta. Para mim, não importa o tamanho da montanha. Se eu tiver o piloto certo e se valer a pena, não há dificuldades que me impeçam", ressalta.

Três perguntas para

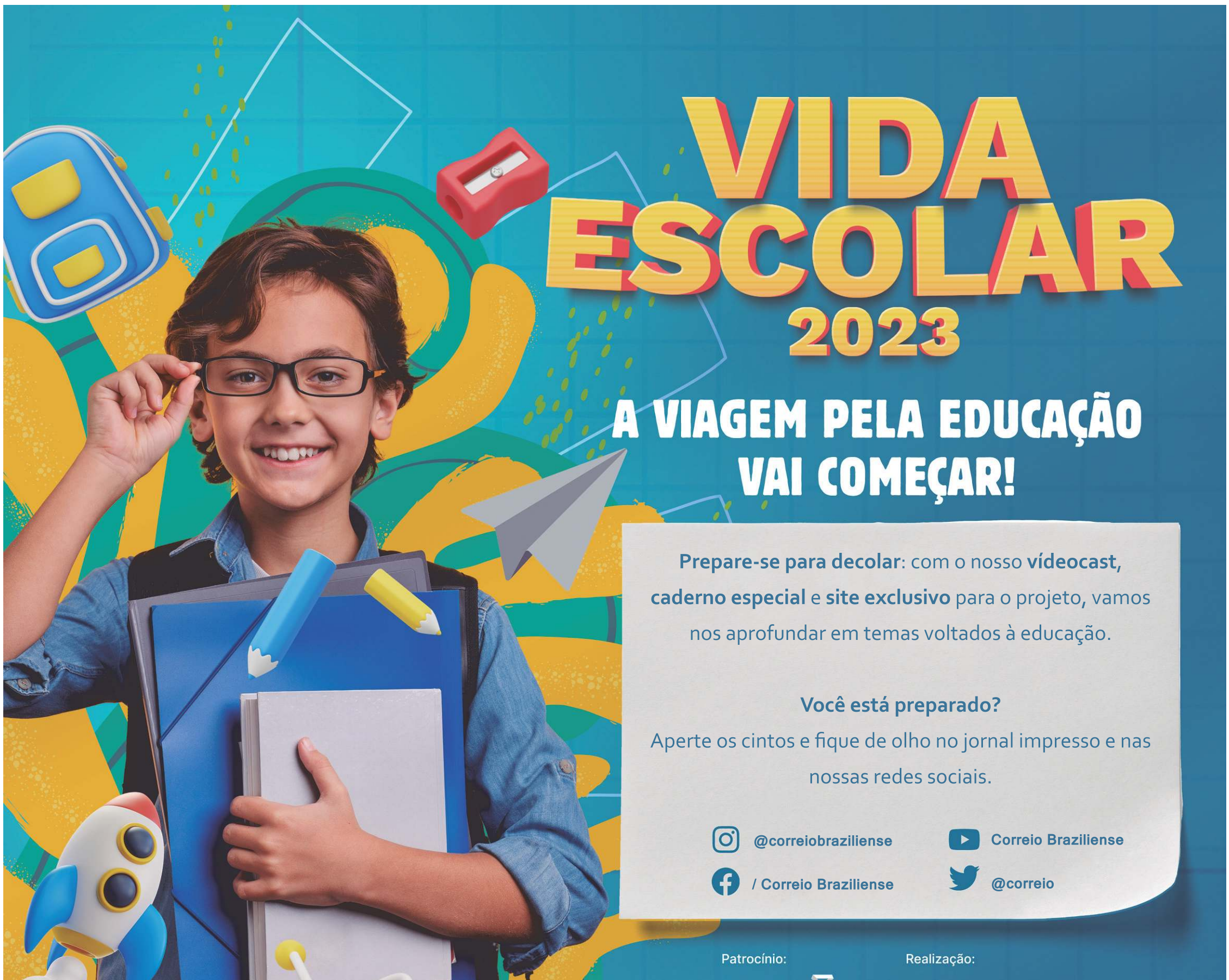
Amir Nasr, fundador do Amir Nasr Racing:

Como é atuar com o automobilismo?

Dentro do segmento, o leque é muito grande. Você tem a parte da equipe, a formação de pilotos, a venda de equipamentos terceirizados e a fabricação de equipamentos, por exemplo. Então, é bem variado, mas completamente fora do trivial de uma profissão normal. É um sobe e desce constante, muito forte e acentuado, e depende totalmente do momento em que o país está.

Por que há uma equipe multidisciplinar para acompanhar os pilotos?

Precisamos de vários profissionais para a preparação do piloto. Você tem essa parte da pressão, que aumentou, e também as questões relacionadas ao preparo físico. Os carros já estão muito avançados. Para aguentar tudo que um carro é capaz de fazer, é preciso ter um preparo físico de um atleta olímpico de ponta.

Como você avalia o potencial do automobilismo?

Ele está muito subjugado, sem rumo e sem política para o esporte. Nós já tivemos o automobilismo mais forte do mundo em termos de pilotos e de reconhecimento de categoria. A Fórmula 3 sul-americana era reconhecida. Só havia três competições no mundo que davam direito para a licença da Fórmula 1: a nossa, a japonesa e a inglesa. Nós perdemos isso.